

NÓS SOMOS TESTEMUNHAS DISSO

Ana Maria e Sandro Gallazzi

Introdução

A palavra Eclésia/Igreja quase não aparece nos evangelhos. Só Mateus a usa e bem poucas vezes. Com certeza, esta palavra não vem da experiência concreta do grupo de Jesus e de seus discípulos. É interessante para nós acompanhar o processo histórico que levou ao uso desta palavra. É claro que, em muitos momentos, não poderemos formular mais do que hipóteses. Esperamos que tenham algum fundamento.

O grupo de Jesus era conhecido como “*os que estavam com ele*” (At 4,13). A primeira página dos Atos dos Apóstolos deixa transparecer que eles constituem uma comunidade na qual são identificados três grupos: os Doze, as mulheres com Maria, a mãe de Jesus e os irmãos dele (At 1,13-14).

Dos Doze e das mulheres já foi dito muito. Mas o que significa a expressão “*irmãos do Senhor*”?

A polêmica a respeito deste assunto já chegou aos limites da excomunhão. Alguém afirma que se trata de pessoas que teriam os mesmos pais de Jesus. Outros disseram que poderia se tratar dos filhos de José de um casamento anterior. Outros ainda – a maioria talvez – dizem que os irmãos de Jesus são familiares, não necessariamente irmãos de sangue, visto que em hebraico a palavra irmão pode ser estendida a consanguíneos como primos, por exemplo.

Por trás desta preocupação, existe uma questão dogmática a respeito da virgindade de Maria que, segundo a doutrina católica, só teria tido um único filho, Jesus, e teria permanecido virgem.

Não era esta a preocupação dos textos bíblicos que, por isso, não podem ser usados nem a favor nem contra este dogma católico.

Vejamos tudo o que nos dizem os textos bíblicos a respeito dos irmãos do Senhor:

Os sinóticos trazem a informação que o povo de Nazaré conhecia os irmãos e as irmãs de Jesus:

Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs (Mc 6,3; Mt 13,55-56)?

A memória dos irmãos de Jesus volta quando os sinóticos nos falam das mulheres que estavam ao pé da cruz:

Estavam também ali algumas mulheres, observando de longe; entre elas, Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, o menor e de José e Salomé (Mc 15,40; Mt 27,56; Lc 24,10).

É evidente que se Maria, a mãe de Tiago, o menor (futuro responsável pela comunidade de Jerusalém: At 21,18; Gl 1,19) e de José, fosse a mesma Maria a mãe de Jesus, os evangelistas o teriam dito. Isso nos faz concluir que a palavra irmão não deve indicar, aqui, uma relação de sangue.

Posteriormente, os Atos falam dos irmãos do Senhor e, sobretudo, de Tiago, o “irmão do Senhor”, que dá a opinião final no Concílio de Jerusalém (At 15,13). Lembremos que, segundo nos disse Eusébio de Cesaréia, o sucessor de Tiago, o “irmão do Senhor”, na eclesía de Jerusalém foi Simão, outro “irmão do Senhor”.

A partir destas informações, podemos levantar a suspeita que os irmãos e as irmãs do Senhor poderiam, muito bem, ter sido os membros de um mesmo grupo (irmão refere-se, também, a este tipo de relação) que se constituiu ao redor de Jesus, quando este ainda vivia em Nazaré e que ele teria deixado quando foi a Cafarnaum, onde constituiu outro grupo que, mais tarde, será identificado com o grupo dos Doze.

O texto de Marcos conserva os rastros da memória desta relação entre Jesus, Maria e os “seus”:

E, quando os seus ouviram isto, saíram para cuidar dele, porque diziam: Está fora de si (...) Muita gente estava assentada ao redor dele e lhe disseram: Olha, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua procura (Mc 3,21.31-32).

É interessante que esta memória seja trabalhada, justamente, no momento em que Jesus acabou de constituir, ao seu redor, um novo grupo, o grupo dos Doze e encontrou uma nova casa (Mc 3,13-20).

A narrativa desta memória, por outro lado, serve de moldura ao conflito com os fariseus que acusam Jesus de ser endemoninhado e de operar sinais pela força de Belzebu (Mc 3,22-30).

Tanto os fariseus como os “seus” acham que Jesus não está no seu pleno juízo. Aqueles o atacam com violência, estes querem cuidar dele. Seja como for, não deve ter sido fácil aceitar a decisão de Jesus de se tornar um profeta andarilho e um taumaturgo que se misturava com pobres, impuros e pecadores.

1. Grupos em conflito?

A harmonia entre o grupo dos “doze” e o dos “irmãos”, presente no primeiro capítulo dos Atos, não durou muito tempo.

O grupo dos “irmãos”, por suas posições futuras, mostra ser um grupo de origem farisaica, mais fechado e conservador enquanto o grupo dos “doze” aparenta ser mais aberto.

O livro dos Atos e as cartas de Paulo nos deixam entrever as marcas deste conflito com Pedro, inicialmente e, sobretudo, mais tarde, com Paulo.

Não é, porém o caso de correr. Vamos acompanhar o processo que foi codificado por Lucas no livro dos Atos.

2. A fidelidade ao Nome: A memória de Jesus

Toda vez que o Espírito desce há um envio. Pentecostes torna-se o momento simbólico da identidade fundamental deste(s) grupo(s) que são “os de Jesus”. O que os faz unânimes é o anúncio mais perigoso:

aquele que vocês mataram, Deus o ressuscitou e o fez Senhor (At 2,22-24.36).

Para todos eles e elas, o Senhor é Jesus de Nazaré que os sacerdotes condenaram à morte como blasfemador e os romanos mataram como subversivo (Mt 26,65; Lc 23,5).

O crucificado foi ressuscitado e, agora, é o *Kyrios*, o Senhor. É aquele que tem a vida. É aquele a quem Deus mostrou seu poder de vida, ficando do lado daquele que o templo saduceu e o palácio romano condenaram à morte.

Este é o novo “nome” ao qual o(s) grupo(s) vincula(m) sua fidelidade e identidade:

E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual possamos ser salvos (At 4,12).

Este é o anúncio, a boa nova que eles e elas anunciam:

Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (At 2,21).

Cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e receberá o dom do Espírito Santo (At 2,38).

“Os seus” dizem de Jesus o mesmo que diziam de Iahweh: é Senhor!

Dizem de Jesus o mesmo que diziam de César: é o Senhor!

Passam, assim, a serem considerados blasfemadores e subversivos e, por isso, perseguidos, como o Mestre.

E eles se retiraram do Sinédrio regozijando-se por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por esse Nome (At 5,41).

3. A fidelidade ao pão: A projeto de Jesus

Anunciar o Senhor é romper com a lógica do templo e do palácio. É optar por uma maneira diferente de conviver. É a opção por um projeto de fraternidade.

É por isso que, logo após o anúncio evangélico, o livro dos Atos nos apresenta a maneira de viver do grupo de Jesus (At 2,42-47; 4,32-35). As palavras chaves desta convivência serão: comunhão, pão partido, não havia necessitados, serviço...

A fidelidade ao nome e a fidelidade ao pão são as verdadeiras características dos que “tinham estado com Jesus”. Pelo resto, Pedro, Tiago e João e os demais eram israelitas que viviam como israelitas, seguindo costumes e práticas israelitas.

Naquele momento, ninguém pensava em novo Israel, em novo povo de Deus, em novo Testamento. Ninguém pensava em igreja.

Eram israelitas como todos os demais, um grupo entre os muitos grupos de israelitas que, porém, tinham a certeza de serem testemunhas do poder de Deus que ressuscitou Jesus. Proclamavam Jesus como o único Senhor e procuravam viver um projeto de fraternidade e de partilha¹.

É por causa da fidelidade a este Nome e a este projeto de convivência que o grupo irá, pouco a pouco, se distanciar dos demais grupos israelitas. No momento do conflito, vão buscar ser fiéis a esta memória e a este projeto. E, aos poucos, crescerá a consciência de sua própria identidade, que os levará, mais tarde, a se chamar “cristãos” (At 11,26). Mais uma vez, serão os conflitos que marcarão o caminho deste grupo.

3. 1. O conflito com o sinédrio

Os capítulos 3 a 5 do livro dos Atos guardam a memória deste conflito. O lugar do primeiro conflito é o templo de Jerusalém. Pedro e João chegam ao templo e dizem ao paraplético:

“Nós não temos ouro, nem prata, mas o que temos te damos: em nome do Senhor Jesus, levanta-te e anda” (At 3,6).

Este fato leva-os a proclamar abertamente no templo a memória de Jesus (At 3,12-16).

Imediatamente o sinédrio processa os dois (At 4,5). O mesmo sinédrio que condenou Jesus à morte dois meses antes, agora processa Pedro e João. A ordem do sinédrio é de nunca mais usar este Nome. O sinédrio quer apagar a memória de Jesus. Então Pedro diz: Vocês que são o tribunal, julguem:

Devemos obedecer a Deus ou aos homens” (At 4,19)?

Com uma só palavra, Pedro não reconhece mais a autoridade do sinédrio como portadora da vontade de Deus: o que vocês dizem não é a vontade de Deus.

Eles continuarão sendo israelitas, mas não têm mais o sinédrio como sua referência. O conflito os faz caminhar.

1. Uma pergunta é posta por quase todos os exegetas: É possível crer que a comunidade vivesse assim, com tudo em comum? Os Atos nos apresentam uma realidade concreta ou, como muitos dizem, nos falam de um modelo ideal de comunidade que nunca existiu e que deve servir como paradigma para todas as comunidades?

Pessoalmente acredito que o que dizem os Atos refere-se a algo concreto que realmente acontecia, mesmo que descrito em termos idealizados. Várias são as razões:

– O fato que mais tarde a comunidade de Jerusalém passará muitas necessidades, levando Paulo a levantar ajuda para ela (At 11,28-30; 2Cor 8,16-24).

– O fato que nem tudo funcionasse bem. O exemplo de Ananias e Safira e seu desfecho mostram como era importante para todos esta maneira de viver que não era obrigatória.

– Mas, sobretudo, a perspectiva apocalíptica que permeava o grupo. No começo o grupo pensava que a história seria breve. Afirmavam serem aqueles os últimos dias (At 2,17), imaginavam que Cristo ia voltar em muito breve tempo (At 3,20-21), que na volta de Cristo alguns deles ainda estariam vivos (1Ts 3,15-17; 1Cor 15,51-52). Nesta perspectiva, a vida de total fraternidade passa a ser um prenúncio da nova vida no Reino.

É bem possível que, por tudo isso a comunidade levasse ao pé da letra a comunhão total dos bens.

O sinédrio só não condenou Pedro e João à morte porque havia um judeu muito inteligente chamado Gamaliel que foi mestre de Paulo. Ele disse:

“Se o que eles fazem vem dos homens, mesmo que não os matemos, sua obra perecerá; mas se vem de Deus, mesmo que os matemos, sua obra prosseguirá” (At 5,34-39).

No contexto do conflito com o sinédrio, devemos ler a página de Ananias e Safira, que morrem por ter mentido à comunidade a respeito do projeto de partilha: não foram fiéis ao pão (At 5,1-11).

Desrespeitar o sinédrio não significou nada; desrespeitar a comunidade significa a morte. A página nos lembra de quando Oza caiu fulminado ao tocar a arca da aliança (2Sm 6,6-7). A nova arca da aliança, presença viva do Senhor, é a comunidade que reparte e vive na fraternidade.

3. 2. O conflito com a sinagoga e o templo

O segundo conflito acontece com a sinagoga, ou melhor, com a maneira dela se organizar (ver o cap. 6 do livro dos Atos). Com o sinédrio, o problema era o Nome. Agora, o problema é o pão.

Há um problema interno da comunidade que diz respeito à convivência, à fraternidade, à solidariedade. As mulheres viúvas de israelitas de nascimento estavam recebendo um tratamento melhor do que as viúvas dos israelitas prosélitos (At 6,1)².

Dentro da nova comunidade continua presente o velho pensamento que discrimina o judeu que nasceu pagão, mesmo depois de convertido ao judaísmo. Era por isso que, dentro da sinagoga, os prosélitos não podiam ter nenhuma função oficial. Só um judeu podia atuar na sinagoga: ler, explicar a palavra, presidir a oração etc. A comunidade tem que resolver este problema, porque o que está em discussão é a igualdade, a fraternidade.

A solução é simples e interessante:

Pedro chama sete homens de origem grega para que se encarreguem das mesas. Se o problema é com os gregos, gregos irão resolvê-lo (At 6,2-6). Nenhum dos sete escolhidos têm um nome judeu.

Pedro impõe-lhes as mãos reconhecendo-lhes o direito de executar uma tarefa dentro da comunidade. Ele se explica, perante os judeus, dizendo que as tarefas mais importantes – a oração e palavra – continuarão sendo realizadas pelos judeus.

A distribuição da comida ficará a cargo dos gregos. Pelo menos os gregos não se esquecerão de suas viúvas.

2. Prosélito identifica um israelita que, não tendo nascido judeu, tinha-se convertido ao judaísmo e tinha sido circuncidado.

Estevão, porém, não se conforma apenas com a distribuição da comida às viúvas. Quer também, exercer o ministério da palavra. Começa então a operar prodígios e sinais como os apóstolos e a discutir com outros judeus e prosélitos (At 6,8).

Estevão é acusado de ser um blasfemador e é levado ao sinédrio para ser julgado (At 6,12).

O discurso de Estevão ao sinédrio é muito importante, porque mostra que ele conhece perfeitamente o que está anunciando.

No capítulo 7 dos Atos, Lucas coloca na boca de Estevão o que os cristãos assumiram do Antigo Testamento: a história que começa com Abraão e continua mostrando as maravilhosas obras de Deus, até Davi e os profetas.

A conclusão é decisiva:

“Nossos pais tinham a tenda do testemunho no deserto, como Deus havia ordenado quando disse a Moisés que a fabricasse segundo o modelo que havia visto; nossos pais a receberam e introduziram sob a mão de Josué na terra conquistada dos pagãos, a quem Deus expulsou diante deles. Guardaram-na até os dias de Davi, o qual agradou a Deus e lhe pediu como favor construir uma casa para o Deus de Jacó. Mas foi Salomão quem construiu esse templo. Mas o Altíssimo não habita em casas feitas pelas mãos dos homens” (At 7,44-48)!

Os cristãos assumem toda a memória histórica do povo: os patriarcas, o êxodo, a sociedade tribal igualitária, até Davi; mas quando chega Salomão, param. Aqui a história toma um rumo diferente.

Deus não habita em casas feitas pelas mãos dos homens. Estevão disse isso ao sinédrio e aos saduceus. É um judeu, mas não reconhece o templo nem os sacerdotes, nem as leis discriminatórias da sinagoga. Diz aos sacerdotes:

“Entretanto vocês, homens de cabeça dura, de corações endurecidos fecharam-lhe os ouvidos e sempre resistiram ao Espírito Santo como procederam seus pais. Que profeta seus pais não perseguiram? Eles rejeitaram aqueles que anunciaram a vinda do justo, a quem agora vocês traíram e assassinaram. Vocês que receberam a lei e não a cumpriram” (At 7,51-53).

Estevão é o primeiro cristão perseguido depois de Jesus, condenado à morte, assassinado e executado como impuro pelas leis dos judeus. É morto apedrejado, porque se tocassem nele com as mãos, os assassinos ficariam impuros, porque Estevão era considerado impuro (At 7,59).

Não é difícil entender porque os “galileus” que tinham estado com Jesus não tiveram maiores dificuldades a rejeitar a autoridade do sinédrio e do templo. Afinal, o judaísmo dominante, oficial dos saduceus e dos escribas era coisa das terras de Judá, coisa de Jerusalém. Este tipo de judaísmo foi imposto aos galileus pela força, no tempo dos reis asmoneus. Ao enfrentar sinédrio e templo, os diversos grupos galileus conseguiram permanecer unidos e até fortalecidos.

Daqui para frente, porém, os acontecimentos vão produzir rachaduras internas ao movimento de Jesus que, de certa maneira, mesmo que com conotações completamente diferentes, permanecem até nos nossos dias, dentro de nossas igrejas.

Os grupos vão crescendo, assumindo sua identidade no conflito. O conflito é fundamental para entender a história deste(s) grupo(s). Afastam-se do sinédrio, do templo e da sinagoga, mas isso não vai ser de graça, terão que pagar caro. Pedro terá que “pagar” pelo que fez no caso dos sete diáconos. Ele que, até então, era o líder do grupo, ele que sempre falava pelo grupo, agora deve afastar-se de Jerusalém, andar com João pela Samaria, às margens do mar e na Galiléia (At 8,14).

Quem ficará com a liderança em Jerusalém será Tiago, o irmão do Senhor, de claras tendências farisaicas. Os prosélitos, perseguidos, dispersam-se e “fazem crescer a palavra” (At 8,4).

Lucas minimiza o conflito interno que certamente não deve ter sido pequeno. A harmonia entre o grupo dos “doze” e o dos “irmãos” não vai ser mais a mesma.

3. 3. O conflito com a lei

Pedro é o primeiro responsável também por este conflito. Contradizendo todos os costumes e as regras da Lei, batiza Cornélio, um soldado romano, sem exigir que ele, primeiro, seja circuncidado e se torne judeu prosélito (At 10,44-48). A circuncisão era o sinal físico de pertença ao povo santo. E Pedro a ignora. Diante dos demais, em Jerusalém, Pedro justifica sua conduta contando como o Espírito havia descido sobre Cornélio, antes que ele terminasse de falar. Como poderia negar-lhe o batismo, depois disso (At 11,17)?

Tudo ficou resolvido e o fato foi considerado uma exceção. Mas quando Paulo faz desta prática sua maneira de agir, vai provocar uma crise muito grande: o grupo de Antioquia, liderado pelos prosélitos expulsos de Jerusalém, abre-se aos gregos. Para lá vão Barnabé e Paulo, com uma prática nova, baseada no anúncio e no ensino (At 11,19-26).

É uma comunidade diferente daquela de Jerusalém. É nela que começa a ser usado o nome “cristão”, mostrando aos gregos que o grupo não é um grupo judeu. A novidade é o fim das práticas discriminatórias, próprias do judaísmo e que ainda eram defendidas por um grupo em Jerusalém, que é chamado “grupo da circuncisão” e que Paulo chamará “grupo de Tiago”, identificando melhor o conflito (At 11,2; Gl 2,12).

Outro sinal de um grave conflito interno o encontramos em At 12, por ocasião do martírio do apóstolo Tiago, irmão de João e da prisão de Pedro, feita por Herodes para “agradar os judeus” (At 12,1-5). Salvo de maneira milagrosa do cárcere, Pedro vai à casa de Maria, que é lugar de oração comunitária:

“Contou-lhes como o Senhor o havia libertado da prisão e acrescentou: disse isso a Tiago e aos irmãos. E depois saiu e foi para outro lugar” (At 12,17).

Por que Tiago e os irmãos não estão mais na casa de Maria? Por que Pedro não se dirigiu diretamente a Tiago? Afinal, Jerusalém era uma cidade bem pequena. Qual a razão desta aparente clandestinidade? Estas perguntas podem muito bem receber respostas simples, mas parece que tem uma atmosfera tensa entre os três grupos (os Doze, os irmãos e as mulheres) que, no primeiro capítulo, estavam tão unidos. As regras do judaísmo continuam sendo válidas para o cristão, ou não?

Começa uma tensão interna ao grupo por causa do modelo farisaico de organização que era muito popular e bem visto pelo povo. Para alguns é possível colocar a memória e o projeto de Jesus dentro da velha estrutura sinagagal. Para outros, não.

Nos Evangelhos, sentiremos o reflexo deste conflito:

“Ninguém coloca vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho arrebentaria os odres levando a perder-se tanto o vinho como os odres. Vinho novo se põe em odres novos” (Mc 2,22).

3. 4. Nasce o novo

É a Paulo – fariseu e tão praticante da lei que chegou a perseguir os cristãos – que devemos a mudança que, mais tarde, se tornará definitiva para a maioria das igrejas.

De imediato, ele começa a falar e a viver o mistério de Jesus. Não foi fácil, para ele, entrar em sintonia com os “galileus”, porque, até ontem, Paulo era um perseguidor e, também, porque ele era um “doutor”, pertencente a um grupo social bem diferente.

Eles eram pobres e Paulo era de família rica (para comprar a cidadania romana era preciso ter muito ouro); eles eram do campo, Paulo da cidade (Tarso, uma cidade central, um entroncamento comercial muito importante); eles eram quase analfabetos e Paulo um professor formado na escola de Gamaliel; eles eram pescadores e Paulo uma autoridade do judaísmo.

Na carta aos Gálatas, Paulo diz que quando foi a Jerusalém para falar com os apóstolos, eles não conseguiram dizer-lhe quase nada de sua mensagem, mas chegaram a separar os campos de ação: Pedro, João e Tiago trabalhariam com os judeus; Paulo e Barnabé com os gregos. E selaram o acordo com um aperto de mãos (Gl 2,6-10).

Como estamos longe do abraço e do beijo fraternos, típicos do encontro entre irmãos e prática comum entre os cristãos! E quanta dúvida na exigência que lhe fizeram:

“Só nos pediram que nos lembrássemos dos pobres de lá” (Gl 2,10).

A experiência vivida no caminho de Damasco provocou, em Paulo, uma reação que ele mesmo nos comunicou na carta aos Filipenses:

“Circuncidado ao oitavo dia, da semente de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu e filho de hebreus. Segundo a Lei, fariseu irrepreensível. Mas tudo isto que para mim era vantagem, considero perda ao lado do fato conhecimento de Cristo Jesus nosso Senhor: Por Ele perdi tudo aquilo e considero lixo a fim de ganhar a Cristo” (Fl 3,5-8).

O encontro com Jesus foi decisivo. Crer no crucificado que está vivo foi uma opção autêntica para Paulo:

“Na realidade, pela lei morri para a lei a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim” (Gl 2,19-20).

3. 5. Não se pode inutilizar a cruz de Cristo

Paulo levou às últimas conseqüências teológicas e pastorais a fé no crucificado que é o Senhor. Nada pode intermediar a salvação que Cristo nos transmitiu com sua morte.

Conclusão: tornaram-se completamente inúteis o templo, a lei, a raça, a circuncisão... Se para encontrar a salvação é preciso algo mais que a cruz de Cristo, quer dizer que ele morreu em vão.

Ele aplica esta certeza à sua prática pastoral e constrói comunidades dispensando a circuncisão, as leis, os códigos genealógicos. A confusão é grande.

A questão chega a Jerusalém. É necessária a reunião oficial dos apóstolos e dos cristãos para resolver a questão (At 15). A acusação contra Paulo é forte: podemos até concordar em não aceitar o sinédrio, a sinagoga, o templo. Mas não aceitar a circuncisão seria romper com a ligação física ao povo judeu, seria romper com este povo.

Em Jerusalém é tomada uma decisão intermédia. Qual é?

“Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor maior peso além destas coisas essenciais: que vos abstenhais das coisas sacrificadas a ídolos, bem como do sangue, da carne de animais sufocados e das relações sexuais ilícitas; destas coisas fareis bem se vos guardardes. Saúde” (At 15,28-29).

Em momento nenhum, a carta de Jerusalém dispensa explicitamente a prática da circuncisão. Só não a coloca mais entre as coisas “necessárias”. A circuncisão (exteriormente invisível) deixa de ser necessária; as demais práticas – que manifestavam exteriormente a pertença ao grupo judeu e que eram vistas por todos – continuam sendo “necessárias”.

Esta concessão feita à comunidade de Antioquia (teria sido uma exceção?) é usada por Paulo como prática universal.

“Em Cristo Jesus, nem a circuncisão, nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que opera pela caridade” (Gl 5,6).

E as demais disposições, também, deixarão de ser “necessárias” e serão consideradas somente “úteis”

“Não é a comida que nos recomendará a Deus, pois nada perderemos se não comermos, e nada ganharemos se comermos. Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos (...) E, por isso, se a

comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo (1Cor 8,8-13).

O confronto entre os dois modelos de seguimento de Jesus será grande: entre Paulo e os “judaizantes” sempre haverá conflitos (Gl 4,17-21; 5,11-12; Fl 3,2).

Neste contexto polêmico e conflitual, vão nascer os primeiros escritos do que virá a ser o segundo testamento. Para defender seu “evangelho” Paulo terá que começar a escrever coisas novas. Os escritos do primeiro testamento já não lhe bastam mais.

As cartas de Paulo são os primeiros textos a serem escritos do segundo testamento³.

4. A Eclésia da ágape

Este é o contexto que leva Paulo a usar um termo que ajuda a distinguir entre a experiência judaica e a experiência cristã. A palavra “sinagoga”, típica da experiência judaica já não descreve a contento a nova realidade. Paulo opta por outra palavra muito usada no primeiro testamento e que indica a comunidade popular (todas as pessoas, sem exclusão), que se reúne para celebrar sua fé e para tomar as decisões mais importantes: a “Eclésia”.

Ao usar esta palavra, Paulo coloca em destaque não a ação dos que se reúnem (*sunago* = pôr juntos) e sim a ação de Deus que convoca (*kaleo* = chamar).

Eclésia são os convocados, os que Deus chamou.

	Sinagoga	Eclésia
Centro cultural	A leitura da palavra	A ceia dos irmãos (casa, mesa e pão)
Membros	Reunião dos “justos”. Distinção: Judeus, prosélitos, tementes a Deus, mulheres	Reunião dos “justificados” Não ha distinção nenhuma (Gl 3,25-29)
Vida	As obras da piedade: esmola, jejum e oração	A obra da fé: a <i>ágape</i> : a caridade, o amor (Gl 5,6)
Relacionamento	Separação dos impuros (At 10,28)	Fermento na massa
Mística	Sabedoria	Apocalíptica

A ágape é mais que um sentimento (amizade), mais que uma reação psicológica (simpatia), mais que solidariedade (esmola, ajuda). A ágape é a opção por uma nova maneira de viver: é a opção pela Eclésia, por colocar em primeiro lugar, não a minha salvação, mas a vida dos outros.

3. As cartas certamente paulinas são: 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Romanos e Filipenses, Filêmon
As cartas provavelmente paulinas: Colossenses e Efésios.
As cartas certamente não paulinas (em sua redação final): 1 e 2 Timóteo, Tito, Hebreus.

Para explicar esta proposta Paulo usa a alegoria do “corpo de Cristo”:

“Assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também é o Cristo. Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus ou gregos, escravos ou livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1Cor 12,12-13).

Desta alegoria, podemos deduzir as três dimensões da Eclésia paulina:

- Ela é *igualitária*: todos os membros têm a mesma importância e o mesmo valor, ninguém deve se considerar mais importante do que os outros: *“os membros do corpo que parecem ser mais fracos são os mais necessários”* (1Cor 12,22).
- Ela é *ministerial*: cada um dos membros está a serviço do bem dos outros, cada um segundo sua função: *“que não haja divisão no corpo; pelo contrário, cooperem os membros, com igual cuidado, em favor uns dos outros”* (1Cor 12,25). Os serviços/ministérios são carismas (dons) do Espírito e não motivo de supremacia e de dominação: é uma Eclésia carismática, não institucionalizada.
- Ela é *“laica”*: aberta a todos⁴, sem nenhum tipo de distinção; aberta, sobretudo, aos que não pertencem ao *demos*: as mulheres, os escravos, os pobres, os últimos, os iletrados: *“Irmãos, reparai, pois, na vossa chamada (eclésia): não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento. Pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas do mundo para envergonhar os sábios e escolheu as coisas fracas do mundo para envergonhar as fortes e Deus escolheu as coisas humildes do mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são, para reduzir a nada as que são a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus”* (1Cor 1,26-29).

Ágape quer dizer aceitar estas novas relações que constituem o desafio da Eclésia. O hino à caridade de 1Cor 13 resume este conceito:

“A ágape é paciente, é benigna; a ágape não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal, não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade, tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1Cor 13,4-8).

Para ser Eclésia não basta falar em línguas (13,1), nem é suficiente profetizar e conhecer os mistérios; nem basta ter uma fé capaz de transportar montanhas (13,2). Podemos dar tudo que temos aos pobres e até morrer na perseguição: não basta (13,3)!

É preciso vivenciar as novas relações de igualdade e de serviço entre todos nós.

4. Na língua grega temos duas palavras para indicar o povo: *demos* que representa o povo que decide (os homens, livres, das cidades) e *laos* que indica todo o povo, o nosso “povão”. Deste sai a palavra laico/leigo = quem pertence ao povão. Nunca a palavra *demos* é usada nos textos bíblicos.

Esta é vida do Reino a ser ensaiada entre nós. Esta vida é só o que vai sobrar quando desaparecerem a profecia, as línguas, a ciência e até desaparecerem a fé e a esperança. O que vai sobrar é somente a ágape, o amor de Deus para conosco e entre nós

A partir desta certeza, Paulo trabalha o conceito de Eclésia que reúne nas casas, Eclésia dos “*santos*”, não no sentido de gente perfeita e pura, mas no sentido de pessoas santificadas, que participam da mesma vida de Cristo no Espírito. O Espírito Santo é a vida do Corpo de Cristo:

“O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Rm 5,5).

“Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós” (1Cor 3,16)?

“Vós vos lavastes, fostes santificados, fostes justificados em o nome do Senhor Jesus Cristo e no Espírito do nosso Deus” (1Cor 6,11).

“Em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1Cor 12,13).

Este Espírito que vivifica a Eclésia suscita dons e serviços para o bem de todos. Todos podem e devem servir a Eclésia. A comunhão da vida nova no amor é o maior dom do Espírito:

Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não procureis vosso interesse pessoal, mas cada um procure o dos outros. Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus (Fl 2,1-5).

5. O mistério da Eclésia

Este é o segundo passo da eclesiologia paulina e o encontramos presente, sobretudo, nas cartas aos Efésios e aos Colossenses, que pertencem ao último período de sua vida quando ele se encontrava, provavelmente, prisioneiro em Roma (61-63)⁵.

Desta vez, a figura do Corpo de Cristo, deixa de ser uma alegoria para explicar as relações de ágape que devem existir na Eclésia, para se tornar descritiva de uma realidade teológica para explicar o mistério da Eclésia em relação a Cristo Cabeça do corpo.

5. Não vamos, porém, esquecer que, para alguns estudiosos estas cartas, também, não seriam de autoria paulina.

Efésios 1,3-23	Colossenses 1,13-27
<p><i>Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo.</i></p> <p><i>Nele, também, nos elegeu antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em caridade, e nos predestinou para sermos filhos de adoção por Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça, pela qual nos fez agradáveis a si no Amado.</i></p> <p><i>Nele temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da sua graça, que Ele tornou abundante para conosco em toda a sabedoria e prudência, descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, de encabeçar em Cristo todas as coisas, na da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.</i></p> <p><i>(...) E sujeitou todas as coisas a seus pés e, sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos.</i></p>	<p><i>Ele nos tirou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do Filho do seu amor em quem temos a redenção pelo seu sangue, a saber, a remissão dos pecados.</i></p> <p><i>Ele é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação, porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades; tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.</i></p> <p><i>Ele é a cabeça do corpo que é a igreja; é o princípio e o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência, porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nele habitasse (...)</i></p> <p><i>Alegro-me no que padeço por vós e completo na minha carne o que falta das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja da qual eu estou feito ministro (...)</i></p> <p><i>para anunciar o mistério, oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos (...)</i></p> <p><i>que é Cristo em vós, esperança da glória.</i></p>

A Eclésia é o projeto, desígnio, da vontade, beneplácito de Deus. É o verdadeiro *mistério*, finalmente revelado, depois que Cristo nos garantiu a vitória sobre o pecado que nos mantinha longe do Pai. Por sua graça, Ele nos reconciliou (re-ligou), nele temos a redenção e por isso, agora podemos conhecer o mistério da vontade de Deus:

Cristo em nós, esperança da glória.

A Eclésia vive *com* Cristo, *em* Cristo e *por* Cristo.

Nele: fomos abençoados,

fomos escolhidos para sermos santos (só de Deus),

fomos predestinados para sermos filhos adotivos e herdeiros,

fomos amados por amor livre e gratuito.

O projeto do Pai, o reino de Deus é colocar Cristo como cabeça de todas as coisas. Cristo não pode ser pensado sem a Eclésia, sem a união de judeus e gregos, sem a união de todas as coisas. Ele é princípio, primogênito: tudo, até as forças e os poderes cósmicos e históricos (tronos, dominações, principados, potestades) a ele estão submetidos.

A Eclésia deve então ser pensada teologicamente como *Corpo de Cristo*, destacando:

- a *identidade* da Eclésia com Cristo,
- a *continuidade* da sua missão (*completo em minha carne*),
- a *conformação* a Ele (vivemos nele, com ele e por ele).

O Reino de Deus não pode ser reduzido a uma situação de felicidade futura. Ele já está presente nas pessoas que, aqui e agora, acreditam e tornam possível o Reino.

Cristo, por primeiro, acreditou no reino, viveu a vida do reino, obedecendo ao projeto do Pai (amou, serviu, perdoou) e, assim, tornou presente nele o reino (o Reino de Deus chegou!) e se tornou a verdadeira imagem/presença do Pai (Quem me vê, vê o Pai).

Vivendo a obediência do reino, até à morte, ele se tornou:

- Senhor para todos e para sempre,
- Atraindo tudo a si (encabeçando todas as coisas),
- Vencendo na carne o pecado (reconstruindo as relações com o Pai).
- E continua “vivo” e vive em todos os que nele acreditam, aqueles que com ele, por ele e nele, fazem as suas obras (Como eu fiz, façam vocês. Quem crê em mim fará as obras que eu faço e até maiores).

A Eclésia, então, se torna instrumento para o Reino de Deus, na medida em que se torna imagem/presença/corpo de Cristo, aqui e agora.

A Eclésia não trabalha somente em vista do futuro, mas vive desde já o futuro, espalhando o Reino de Deus no mundo, esperando a consumação final, quando Cristo voltará de novo e entregará a Eclésia ao Pai.

“Anunciamos a tua morte, senhor; proclamamos a tua ressurreição, vem Senhor Jesus” (da liturgia antiga).

Esta identidade com Cristo é apresentada por Paulo através de mais duas imagens simbólicas: a do edifício:

“Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra angular, no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para templo santo no Senhor; no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito” (Ef 2,20-21).

E a do esposo e da esposa que são uma só carne:

“Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível (...) Porque somos membros do seu corpo; por isso, deixará o homem seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; eu o digo a respeito de Cristo e da igreja” (Ef 5,25-32).

Esta “teologia” tão clara neste momento histórico, quando fruto da experiência inicial de pequenas comunidades, esta teologia capaz de levar ao enfrentamento com o modelo imperial de sociedade, teologia capaz de construir alternativas ao “senhorio” de todos os poderosos do momento, mostrará, em pouco tempo, sua fragilidade e ambigüidade.

Será suficiente que alguém comece a dizer que, no corpo que é a Igreja, alguém representa o Cristo Cabeça, para que nossas igrejas se conformem ao modelo dominador, próprio de todos os impérios sacerdotais ou não. Patriarcalismo, machismo, racismo, discriminação, passarão a fazer parte do cotidiano de nossas igrejas.

Viver como Igrejas sem senhores, de nenhum tipo, será sempre o maior desafio, desde então e para sempre.

Ana Maria e Sandro Gallazzi

Cx. p. 12

68906-970 Macapá (AP)

sandroga@zaz.com.br